

ETNOMATEMÁTICA NA TENDA MULTIÉTNICA DO FICA: ANÁLISE DE PADRÕES MATEMÁTICOS NAS EXPRESSÕES CULTURAIS INDÍGENAS NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO AMBIENTAL

Sara Vitória Gontijo Moraes ¹
 Adelcio Miranda da Silva Neto ²
 Adriana Ferreira Rebouças Campelo ³

RESUMO

O Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), realizado anualmente na Cidade de Goiás – GO, configurou-se como um evento que reuniu expressões culturais diversas, consolidando-se como espaço de encontro e valorização dos saberes tradicionais. A Tenda Multiétnica, inserida nesse contexto, destacou-se como território de convivência e resistência cultural, reunindo povos indígenas e comunidades tradicionais em torno de atividades artísticas, educativas e espirituais. A etnomatemática, enquanto campo que relaciona cultura e conhecimento, manifestou-se de forma significativa nesse espaço, evidenciando-se em práticas que articularam estética e lógica, como os grafismos, objetos artesanais e coreografias de danças. Este estudo teve como objetivo analisar as manifestações etnomatemáticas presentes na Tenda Multiétnica, com especial atenção aos grafismos, objetos e coreografias que evidenciaram saberes matemáticos tradicionais. A pesquisa fundamentou-se na perspectiva de Ubiratan D'Ambrosio, que enfatizou a relação entre matemática, cultura e sociedade, em diálogo com Paulus Gerdes, que investigou padrões geométricos em culturas tradicionais, e Bill Barton, que explorou a matemática em diferentes contextos culturais. A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica e observação direta durante o evento, com registros fotográficos, priorizando a leitura dos elementos matemáticos no contexto de suas manifestações culturais. Os resultados indicaram a presença de formas geométricas, simetrias, repetições e sequências, expressando modos próprios de raciocínio e organização espacial. Concluiu-se que as expressões observadas revelaram a matemática como prática viva e situada, evidenciando a Tenda Multiétnica como espaço de intercâmbio de saberes e a etnomatemática como instrumento de valorização cultural e educacional.

Palavras-chave: Etnomatemática, Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, Tenda Multiétnica, Cultura Indígena, Padrões geométricos.

INTRODUÇÃO

A matemática é, muitas vezes, compreendida como uma linguagem universal, abstrata e desvinculada das práticas culturais. No entanto, essa visão tem sido amplamente questionada por estudiosos que reconhecem a presença de raciocínios matemáticos em

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás – UEG, sara.moraes@aluno.ueg.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás – UEG, adelciomsn@gmail.com;

³ Professora orientadora: Mestra em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás – UFG, dricareboucas@gmail.com.



diferentes contextos socioculturais. Entre essas abordagens, destaca-se a etnomatemática, proposta por Ubiratan D'Ambrosio, que defende a existência de diversas formas de fazer matemática, vinculadas às tradições e necessidades de grupos culturais específicos.

No Brasil, o contato com os povos originários oferece uma oportunidade singular de compreender como a matemática se manifesta em expressões culturais como grafismos, artesanatos e danças. Tais manifestações não são apenas artísticas ou simbólicas: elas também revelam elementos matemáticos, como simetrias, formas e padrões geométricos. A leitura etnomatemática dessas expressões amplia o conceito de matemática e contribui para a valorização dos saberes tradicionais. Nesse sentido, reconhecer o valor epistêmico das práticas indígenas é fundamental para construir uma educação intercultural. Como ressalta Gersem Baniwa⁴: “[...] o que se quer é a valorização dos dois saberes, indígena e não indígena, no mesmo nível de importância.” (Baniwa, 2012, p. 128).

O Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), realizado anualmente na cidade de Goiás – GO desde 1999, constituiu-se como um espaço privilegiado para esse tipo de investigação. Dentro do evento, a Tenda Multiétnica reuniu representantes de diferentes grupos étnicos e promoveu vivências, oficinas, mesas-redondas, apresentações e exposições de elementos culturais. Foi nesse cenário que se desenvolveu esta pesquisa, que teve como objetivo analisar as manifestações etnomatemáticas presentes na Tenda Multiétnica, com especial atenção aos grafismos, objetos e coreografias que evidenciaram saberes matemáticos tradicionais.

Ao explorar a relação entre matemática e cultura indígena, buscou-se compreender o significado dessas expressões no contexto das comunidades, contribuindo para o conhecimento da etnomatemática como instrumento relevante na valorização dos saberes indígenas e na construção de uma educação matemática mais plural, contextualizada e inclusiva.

A escolha pelo tema foi também motivada por experiências anteriores de participação na Tenda Multiétnica, que despertaram o interesse em investigar as relações entre grafismos, arte e pensamento matemático. Essas vivências permitiram observar a potência educativa e simbólica do espaço, reforçando sua importância como campo fértil para a compreensão das manifestações etnomatemáticas.

⁴ Gersem José dos Santos Luciano, nascido com os nomes indígenas Karama e Mapolero - conhecido como Gersem Baniwa - é um líder indígena, ativista, educador, antropólogo, filósofo e escritor brasileiro de etnia indígena Baniwa.



A Tenda Multiétnica, inserida no contexto do FICA, configurou-se como um espaço significativo de expressão, resistência e intercâmbio cultural entre diferentes etnias indígenas. As atividades desenvolvidas representaram oportunidades únicas para observar, documentar e interpretar saberes que raramente são valorizados nos ambientes acadêmicos e escolares.

Do ponto de vista educacional, a pesquisa justificou-se pela necessidade de construir propostas pedagógicas mais inclusivas e contextualizadas, que considerem a diversidade cultural dos sujeitos e das comunidades. Ao trazer os saberes matemáticos indígenas ao debate acadêmico, o estudo reforça uma educação comprometida com os princípios interculturais e o respeito às diferenças.

Por fim, este trabalho teve como propósito fortalecer o papel da etnomatemática como instrumento de valorização da cultura e da identidade dos povos indígenas, promovendo o reconhecimento de suas práticas como parte do patrimônio científico e cultural da humanidade.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, caracterizada pela busca de compreensão profunda de fenômenos socioculturais em seu contexto original. Como afirmam Lüdke e André:

“A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. [...]” (Lüdke; André, 1986, p. 11-12).

Nesse sentido, a escolha por realizar a investigação durante o FICA, na Tenda Multiétnica, possibilitou observar expressões culturais indígenas em seu ambiente natural e interpretá-las por meio da lente dos saberes matemáticos, conforme propõe a etnomatemática.

A metodologia foi estruturada em duas etapas principais: inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Ubiratan D'Ambrosio, Paulus Gerdes e Bill Barton, cujas obras constituíram o eixo teórico da pesquisa.

Em seguida, durante o evento, foram realizadas observações sistemáticas das atividades culturais desenvolvidas na Tenda, como oficinas de grafismo, exibição de



artefatos e apresentações de danças tradicionais. O foco esteve na identificação de elementos matemáticos presentes nas expressões culturais — simetrias, repetições e padrões geométricos — registrados em diário de campo e por meio de fotografias (com autorização prévia).

Os dados coletados foram analisados a partir da perspectiva etnomatemática, considerando tanto os aspectos matemáticos quanto os culturais e simbólicos. Essa abordagem permitiu compreender os conhecimentos indígenas não apenas como técnicas, mas como expressões inseridas em um sistema cultural e educativo amplo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A etnomatemática constitui um campo de investigação que compreende a matemática como um produto cultural, ligado às práticas, valores e modos de vida de diferentes povos. Em contraposição à concepção universalista, essa perspectiva reconhece a pluralidade de formas de raciocínio matemático, tal como defendido por Ubiratan D'Ambrosio, Paulus Gerdes e Bill Barton — autores que fundamentam este estudo.

Ubiratan D'Ambrosio é o principal formulador da etnomatemática enquanto programa de pesquisa. O autor define a etnomatemática como “[...] a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns [...]” (D'Ambrosio, 2011, p. 09). Essa concepção rompe com a ideia de uma matemática única e homogênea, destacando que os modos de pensar matematicamente variam conforme os contextos socioculturais. Para D'Ambrosio, a matemática deve ser compreendida como uma produção humana que nasce da interação entre o homem, o ambiente e sua cultura. Ele a define como uma “[...] estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo de sua história para explicar, para entender, para manejar e conviver com a realidade sensível, perceptível e com o seu imaginário [...]” (D'Ambrosio, 2005, p. 102).

Dessa forma, o conhecimento matemático se torna inseparável das formas de vida e dos contextos culturais em que é produzido. Ao propor a etnomatemática como uma prática de descolonização do saber, D'Ambrosio aponta a necessidade de repensar o ensino da matemática, afirmando que “A dignidade do indivíduo é violentada pela



exclusão social, que se dá muitas vezes por não passar pelas barreiras discriminatórias estabelecidas pela sociedade dominante, inclusive e, principalmente, no sistema escolar.” (D’Ambrosio, 2011, p. 9). Assim, a etnomatemática assume dimensões conceituais, cognitivas, epistemológicas e políticas, orientadas pela ética e pela valorização das raízes culturais. O autor reforça que “Reconhecer e respeitar as raízes de um indivíduo não significa ignorar e rejeitar as raízes do outro, mas, num processo de síntese, reforçar suas próprias raízes. Essa é, no meu pensar, a vertente mais importante da etnomatemática” (D’Ambrosio, 2011, p. 42).

Essa perspectiva oferece a base para compreender as práticas matemáticas como expressões de identidades culturais, articulando saberes diversos e promovendo a inclusão de racionalidades historicamente marginalizadas.

Em diálogo com D’Ambrosio, Paulus Gerdes expande o campo da etnomatemática ao investigar como a geometria se manifesta nas produções culturais de povos africanos e amazônicos. Em sua obra *Geometria Sona de Angola* (2012), o autor demonstra que os desenhos na areia realizados pelos Cokwe-Lunda expressam raciocínios geométricos e combinatórios altamente elaborados, observando que “mais de 80% dos sona da maior coleção [...] são simétricos” (Gerdes, 2012, p. 31). Esses desenhos não são meros ornamentos, mas sistemas de pensamento que articulam forma, regra e significação. Como destaca Gerdes: “Os sona são desenhados para transmitir ideias à comunidade masculina sobre as instituições existentes, estimular a fantasia, o pensamento lógico abstrato e mesmo a meditação” (Gerdes, 2012, p. 27-29 apud Kubik, 1987, p. 58).

Já em sua obra *Geometria dos Trançados Bora na Amazônia Peruana* (2011), o autor analisa os trançados e padrões das comunidades indígenas Bora, mostrando que esses processos envolvem raciocínio lógico e percepção espacial. Os trançados evidenciam simetrias e repetições estruturais, revelando a presença de algoritmos e regras combinatórias. A partir dessas análises, Gerdes defende que as práticas matemáticas tradicionais possuem tanto valor cultural quanto epistêmico, contribuindo para a descolonização do conhecimento, conforme ele observa: “A etnomatemática se encaixa nessa reflexão sobre a descolonização e na procura de reais possibilidades de acesso para o subordinado, para o marginalizado e para o excluído” (Gerdes, 2012, p. 10 apud D’Ambrosio, 2001, p. 42). As ideias de Gerdes, portanto, concretizam a proposta de D’Ambrosio ao evidenciar a matemática presente em práticas cotidianas, como os grafismos e os trançados, que articulam estética, técnica e raciocínio lógico.



Complementando essa discussão, Bill Barton amplia a etnomatemática ao situar a matemática no campo da linguagem e da comunicação. Para o autor, os significados matemáticos emergem dos contextos linguísticos e culturais dos grupos humanos. Em *The Language of Mathematics: Telling Mathematical Tales* (2008), Barton afirma que “[...] matemática e linguagem se desenvolvem juntas. Historicamente tem sido assim, e cada uma dessas áreas da atividade humana afeta a outra. [...]” (Barton, 2008, p. 42, tradução nossa).⁵

Ao propor o conceito de “sistemas QRS” (modos diversos de lidar com quantidade (Q), relação (R) e espaço (S)), Barton explica que “[...] qualquer sistema que nos ajude a lidar com quantidade ou medição, ou com as relações entre coisas ou ideias, ou com o espaço, formas ou padrões, pode ser considerado matemática. [...]” (Barton, 2008, p. 10, tradução nossa).⁶

Essa perspectiva reforça que a matemática não é uma linguagem universal e neutra, mas uma prática cultural situada. Barton observa ainda que compreender a relação entre linguagem e matemática é essencial para a superação de paradigmas coloniais:

“[...] Uma compreensão adequada da ligação entre linguagem e matemática pode ser a chave para finalmente afastar a sombra do imperialismo e da colonização que continua a assombrar a educação para grupos indígenas em um mundo moderno de línguas internacionais e currículos globais.” (Barton, 2008, p. 9, tradução nossa).⁷

Dessa forma, D’Ambrosio, Gerdes e Barton convergem ao reconhecer que a matemática é um fenômeno cultural plural, expresso em práticas, símbolos e linguagens diversas. Suas contribuições constituem a base teórica deste estudo, orientando a análise das manifestações observadas na Tenda Multiétnica do FICA — espaço em que os saberes indígenas e as expressões matemáticas se entrelaçam em narrativas visuais, corporais e simbólicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁵ No original: “[...] mathematics and language develop together. Historically this has been so, with each of these two areas of human activity affecting the other. [...]”

⁶ No original: “[...] any system that helps us deal with quantity or measurement, or the relationships between things or ideas, or space, shapes or patterns, can be regarded as mathematics. [...]”

⁷ No original: “[...] A proper understanding of the link between language and mathematics may be the key to finally throwing off the shadow of imperialism and colonisation that continues to haunt education for indigenous groups in a modern world of international languages and global curricula.”



A Tenda Multiétnica consolidou-se, ao longo de quase uma década, como um território de encontro, diálogo e resistência cultural. Em 2025, “[...] chega a sua 7ª edição [...]” e “[...] se consolida em quase uma década de existência, em um espaço de luta e construção de diálogos entre povos indígenas, quilombolas, camponeses, populações e comunidades tradicionais. [...]” (Tenda Multiétnica, 2025). Realizada de 11 a 14 de junho, na Praça do Chafariz da Cidade de Goiás, dentro do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), a Tenda ofereceu “[...] apresentações culturais, feira, mesas de debate, rodas de conversa, exposições e oficinas. [...]” (Fiocruz, 2025), reunindo centenas de pessoas em torno de saberes compartilhados.

O espaço foi marcado pelo protagonismo indígena. Como explicou Sinvaldo Wahuka, do povo Karajá, a Tenda surgiu de uma mobilização que ultrapassou o festival, conectando comunidades em torno da preservação e da valorização cultural: “A partir da tenda, também mobilizamos outros parentes indígenas de outras regiões para discutir sobre a preservação ambiental e valorização da língua e da cultura.” (FIOCRUZ, 2025). Essa fala evidenciou que a Tenda não se limitou a uma vitrine de manifestações, mas se afirmou como um espaço de articulação política e fortalecimento identitário.

Em 2025, o evento contou com a presença de mais de 400 indígenas de diferentes etnias, incluindo Kricati, Apinajé, Boe Bororo, Kaingang do Sul, Kalapalo, Rikbaktsa, Guaraní Kaiowá, Kariri Xocó, Xukuru, Krenak, Yanomami, Xavante, Tapuia do Carretão, Iny Karajá, Gavião, Xerente e Canela, além de representantes de povos indígenas da Colômbia. O Governo de Goiás destacou que “Em sua sétima edição, a Tenda recebe todos os anos representantes de povos indígenas, quilombolas, camponeses e comunidades tradicionais para debates e trocas de experiências relacionadas ao meio ambiente, sustentabilidade e direitos humanos.” (Goiás, 2025).

A programação da Tenda abrangeu mesas de debate, oficinas de grafismo, feiras e apresentações culturais, permitindo observar a articulação entre arte, memória e conhecimento. Como descreveu a Universidade Estadual de Goiás, o espaço “[...] tem o objetivo de proporcionar a interação e a troca de saberes entre os povos indígenas e a sociedade em geral, promovendo atividades culturais, artísticas e educativas. [...]” (UEG, 2023).

Essas vivências mostraram que a Tenda Multiétnica é mais do que uma atração dentro do FICA: trata-se de um território de resistência e partilha, no qual se expressam práticas culturais que também são práticas matemáticas.



**Figura 1 -
Apresentação
cultural indígena na
abertura da Tenda
Multiétnica 2025.**



Fonte: Instagram oficial da
Tenda Multiétnica (2025).

**Figura 2 - Exposição
e venda de adereços
indígenas na Tenda
Multiétnica 2025.**



Fonte: Arquivo pessoal da
autora (2025).

As observações realizadas durante o FICA de 2025 revelaram um cenário vibrante de trocas culturais, em que a matemática se manifestou de forma viva nas expressões artísticas e corporais. As pinturas corporais, os trançados, os grafismos e as danças mostraram a presença de raciocínios geométricos e combinatórios, evidenciando formas próprias de pensamento lógico e estético.

Entre os Iny Karajá, as bonecas *Ritxoko* (figura 3) destacaram-se por apresentarem combinações de cores e padrões geométricos que revelaram um cuidadoso equilíbrio visual. As formas compostas por linhas retas repetiram-se simetricamente, sugerindo princípios de contagem e proporção. Nas pinturas corporais (Figura 4), os traços foram precisos e organizados em figuras geométricas simples e combinadas – triângulos, linhas, círculos, retângulos – que se repetiram em simetrias axiais ou radiais, configurando estruturas matemáticas perceptíveis.



Figura 3: Exposição e venda de bonecas *Ritxoko*, produzidas pelo povo Iny Karajá.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 4: Grafismo em pintura corporal feita por indígena Iny Karajá.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Figura 5: Dança circular indígena durante apresentação cultural.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Essas expressões confirmam o que D'Ambrosio (1998) descreve como modos de explicar, conhecer e lidar com a realidade, próprios de cada cultura. A matemática, portanto, não se apresenta como algo externo ao universo indígena, mas como parte integrante de suas linguagens simbólicas.

As danças circulares (Figura 5), observadas durante as apresentações culturais, também evidenciaram padrões matemáticos. Os participantes formaram grandes círculos e moveram-se em repetições ritmadas – avanços, recuos, giros e alternâncias – criando padrões espaciais e temporais baseados em regularidades e simetrias.



Essas manifestações mostraram que a geometria e o ritmo são elementos fundamentais na construção estética e simbólica das expressões indígenas. Como observou Gerdes (2012), “Os sona são desenhados para transmitir ideias [...] estimular a fantasia, o pensamento lógico abstrato e mesmo a meditação” (Gerdes, 2012, p. 27-29 apud Kubik, 1987, p. 58). Assim como nos sona e trançados analisados pelo autor, os grafismos observados na Tenda expressaram lógicas geométricas que articulam forma, ritmo e significado.

Do mesmo modo, Barton (2008) contribui para compreender essas manifestações como práticas comunicativas, ao afirmar que “A matemática é criada por meio da comunicação, ou seja, ela é criada no ato de comunicar sobre os aspectos quantitativos, relacionais e espaciais (QRS) do nosso mundo. [...]” (Barton, 2008, p. 173, tradução nossa).⁸ As pinturas e as danças, portanto, podem ser interpretadas como linguagens matemáticas visuais e corporais, nas quais o conhecimento é compartilhado de modo simbólico e coletivo.

Essas observações reafirmam que a etnomatemática é uma ferramenta poderosa para reconhecer as práticas culturais como modos legítimos de produzir conhecimento. Conforme afirma D’Ambrosio, “[...] reconhecer e respeitar as raízes de um indivíduo não significa ignorar e rejeitar as raízes do outro [...]” (D’Ambrosio, 2011, p. 42),

As análises realizadas na Tenda Multiétnica demonstraram que a etnomatemática ultrapassa os limites da teoria, constituindo-se também como um instrumento de valorização cultural e educacional. D’Ambrosio defende que

“A adoção de uma nova postura educacional, na verdade a busca de um novo paradigma de educação que substitua o já desgastado ensino-aprendizagem, baseada numa relação obsoleta de causa-efeito, é essencial para o desenvolvimento de criatividade desinibida e conducente a novas formas de relações interculturais, proporcionando o espaço adequado para preservar a diversidade e eliminar a desigualdade numa nova organização da sociedade.” (D’Ambrosio, 2005, p. 82).

Essa reflexão sintetiza a relevância da etnomatemática como prática pedagógica comprometida com o respeito à diversidade e à criatividade. Ao integrar saberes indígenas e escolares, promove-se uma educação matemática mais plural e contextualizada.

A incorporação dessas práticas ao ensino contribui para que os estudantes percebam a matemática como uma construção cultural e coletiva. Como destaca D’Ambrosio

⁸ No original: “Mathematical ideas. Mathematics is created by communicating, that is, mathematics is created in the act of communication about the QRS aspects of our world. [...]”



(2011), a educação matemática deve valorizar as raízes culturais de todos os povos, permitindo que o aprendizado seja, ao mesmo tempo, um ato de reconhecimento e de resistência.

Dessa forma, as manifestações observadas na Tenda Multiétnica não apenas expressaram a presença da matemática na cultura indígena, mas também indicaram caminhos para uma educação mais inclusiva e intercultural, capaz de promover o diálogo entre diferentes racionalidades e fortalecer a dignidade dos saberes tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das manifestações culturais observadas na Tenda Multiétnica do FICA permitiu compreender que a matemática está profundamente enraizada nas práticas simbólicas, artísticas e cotidianas dos povos indígenas. As pinturas corporais, os trançados, as danças e os grafismos revelaram sistemas de pensamento que articularam forma, ritmo, proporção e simetria – dimensões que expressam uma racionalidade própria e vinculada ao contexto cultural de cada povo.

A etnomatemática, nesse sentido, ofereceu um olhar que rompe com a visão fragmentada e eurocêntrica do conhecimento, reconhecendo os saberes indígenas como expressões legítimas de pensamento matemático. Em diálogo com as ideias de D'Ambrosio, Gerdes e Barton, esta pesquisa evidenciou que a matemática não é uma linguagem única e universal, mas um conjunto plural de modos de compreender o mundo, moldado pelas experiências e pelas necessidades das diferentes culturas.

Como destacou D'Ambrosio: “Atingir essa nova organização da sociedade é minha utopia. Como educador, procuro orientar minhas ações nessa direção, embora utópica. Como ser educador sem ter uma utopia?” (D'Ambrosio, 2011, p. 87). Essa afirmação sintetiza o caráter ético e transformador da etnomatemática – uma proposta que transcende a análise técnica e assume um compromisso com a valorização da diversidade cultural e com a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Desse modo, a Tenda Multiétnica se apresentou como um espaço privilegiado para pensar e vivenciar a etnomatemática em ação. Ao reunir povos de distintas origens em torno de práticas de partilha, diálogo e criação, ela demonstrou que o conhecimento matemático não se limitou a uma abstração, mas se configurou como expressão de identidade, resistência e humanidade. Assim, compreender a matemática que emergiu desses contextos significou reconhecer a riqueza das culturas que a produziram — e



reafirmar o compromisso da educação com um futuro mais plural, equitativo e sensível às múltiplas formas de saber.

REFERÊNCIAS

BARTON, Bill. Making sense in Ethnomathematics: **Ethnomathematics is making sense**. Educational Studies in Mathematics. v. 31, p. 201–233, 1996.

BARTON, Bill. The language of mathematics: **Telling mathematical tales**. New York: Springer, 2008.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 99–120, jan. 2005.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: **Arte ou técnica de explicar e conhecer**. 5.ed. São Paulo: Editora Ática, 1998. 88 p.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: **elo entre as tradições e a modernidade**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 109 p.

GERDES, Paulus. Geometria Sona de Angola: **Matemática duma tradição africana**. Belo Horizonte, Boane, Moçambique: ISTEG, 2012. 244 p. Primeira edição em cores.

GERDES, Paulus. **Geometria dos trançados Bora na Amazônia Peruana**. São Paulo: Livraria da Física, 2011. 190 p.

LUCIANO, Gersem Baniwa. Entrevista: Gersem José dos Santos Luciano – Gersem Baniwa. [Entrevista concedida a] Maria Aparecida Bergamaschi. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 2, p. 127–148, dez. 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MENDONÇA, Amanda. Tenda Multiétnica promove a diversidade no Fica 2025. **Agência Fiocruz de Notícias**, 2025. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/tenda-multietnica-promove-diversidade-no-fica-2025>. Acesso em: 13 set. 2025.

Programação Tenda Multiétnica 2025. **Universidade Estadual de Goiás**, 2025. Disponível em: <https://www.ueg.br/noticia/70065>. Acesso em: 13 set. 2025.

RODRIGUES, Maria José. Tenda Multiétnica promove encontro de diversidade de culturas durante Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental. **Governo de Goiás**, 2025. Disponível em: <https://goias.gov.br/educacao/tenda-multietnica-promove-encontro-diversidade-de-culturas-durante-festival-internacional-de-cinema-e-video-ambiental>. Acesso em: 13 set. 2025.

Tenda Multiétnica 2025. **Universidade Estadual de Goiás**, 2025. Disponível em: https://www.ueg.br/campuscoracoralina/noticia/70025_tenda_multietnica_2025. Acesso em: 13 set. 2025.

